



**DIAS, Maria Angêla. "Nuno Ramos e suas torres de Babel: o criador como tradutor." In: *Linhagens performáticas na literatura brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2019 (pp. 62-72).**

A questão da voz do inanimado sobressai de imediato: o conjunto pequeno de vozes femininas do feno, a voz feminina da água que canta, com longos intervalos, os primeiros quatro versos da canção "Se todos fossem iguais a você" de Jobim e Vinicius, e a voz masculina do sal que comenta, de maneira meio irônico-hostil, a letra da música e sua intérprete. Nesse inusitado cruzamento, a participação dos burricos, com suas respectivas caixas de som, faz eco aos elementos. Trata-se de uma cena em que apenas os animais se movimentam pelo ambiente, inteiramente alheios à cacofonia de sons e vozes estranhas e descosturada, indo e vindo sem cessar. (DIAS, 2019, p. 63).

(...) na direção de um devir informe que a palavra tenta traduzir e fixar. Assim entre a entropia do corpo e o nome, "coágulo, uma retenção daquilo que passa[va]" (RAMOS, 2008, p. 20), entre a voz e o fluxo transformista das matérias, ao encontro da finitude e do destino de uma natureza que apodrece e renasce, a arte de Nuno Ramos persegue domar o tempo e tornar-se linguagem, signo que não acompanhe a universal autofagia dos elementos e seu fatalismo organicista. (DIAS, 2019, p. 63).

A arte de Nuno Ramos, inegavelmente se dedica à "tradução intersemiótica ou transmutação que interpreta, por exemplo, signos linguísticos por meio de não linguísticos" (DERRIDA, 2002, p. 23) e vice-versa, movendo-se pela busca de algo como uma reencarnação, ou seja, tentando dublar as coisas e desvelar o seu Ó. (DIAS, 2019, p. 64).

O premiado livro de 2008 constitui, do meu ponto de vista, uma incansável prática dessa obsessão, operando por meio do verbo, na qual a correspondência entre as palavras e as coisas aflora, despida de qualquer particularismo. É como se a onomatopeia, compreendida como "onomatopoeia", presidisse, na reduplicação dos sons naturais que opera, uma epifania, em que dentro da língua se confunde com o fora do mundo. (DIAS, 2019, p. 64).

Seguindo essa linha de pressupostos, seria lícito acrescentar que o papel do artista da estirpe de Nuno Ramos, justifica-se pelo desenvolvimento de um ritmo peculiar na percepção e na produção de semelhanças, a partir do diálogo entre as linguagens, em sua multiplicidade de códigos e escritas. (DIAS, 2019, p. 65).

Klabin, a respeito desta conjugação confusa e estranha de coisas, elege, como termo corporativo, a figura “de uma espécie de poema sinfônico contemporâneo de harmonias dissonantes com rápidas alterações de ritmos, sem qualquer centro tonal ou estruturas temáticas” (KLABIN, p.6, in: RAMOS, 1999, 2000 apud DIAS, 2019, p. 65).

Do nosso ponto de vista, esta exposição desordenada de materialidades, ao dramatizar o informe como um labirinto de asperezas e descontinuidades, em sua oposição ao formalismo tecnológico do mundo de classificações contemporâneas, teatraliza a babel das línguas, em sua deriva de vizinhança e diferenças. (DIAS, 2019, p. 65).

(...) qualidade barroca que podemos atribuir à arte de Nuno Ramos. (DIAS, 2019, p. 68).

Em *Mácula*, o pensamento da cegueira como brancura e transparência, que é reversível ao negrume de breu, pode ser relacionado ao efeito conseguido em algumas esculturas de 1987, em que, segundo Mammi, “o contraste entre elemento clássicos (a forma de pilar, o branco cândido) e a inconsistência do pó de cal” reúnem-se na mesma obra. Mas, ao contrário do que parece, tais obras, pela inquietude e instabilidade na qual se equilibram – à semelhança dos quadros-esculturas matéricos e profusos – recuperam o que o crítico, apoiando-se na física acústica, refere como “ruído branco”: todas as frequências são audíveis simultaneamente, logo nenhuma delas é inteligível. “Uma forma de silêncio obtida não por subtração, mas por saturação” (MAMMI, p. 189. In. RAMOS, 1997). Não é difícil perceber aqui, a emergência inconfundível de mais um Babel de sons e sinestésias. Este aspecto monstruoso e excessivamente físico e sensual, em nada incompatível com as deformações do Barroco, recupera, segundo o próprio Ramos, “esse grande informe que é o mundo material”, no qual o corpo se inscreve “um pouco como um derivativo da matéria, um primeiro composto [...] uma primeira organização dessa lama”. (Entrevista a Eduardo Jorge). (DIAS, 2019, p. 65).

A quantidade de elementos e a variedade de materiais, organiza-se barrocamemente num diapasão opositivo, simétrico, reunindo o eixo matérico e telúrico (pedra, barro, breu) ao eixo verbal, composto pelas cinzas de textos sagrados, combinadas a extratos literários do próprio artista, à gravação dos nomes mortos e a resto de notícias de jornal. (DIAS, 2019, p. 70).

[...] a literatura entrou para dentro das peças, na forma de voz (as peças emitem texto, literalmente). Mas, ainda aqui, sempre penso o texto como texto, queria que ele desse conta de ser literatura. Então não quero rifar essa disparidade. Queria apenas que o mundo plástico acionasse o literário (inclusive na hora de escrever) e o literário acionasse o plástico (na hora de mostrar). Retirado de Interative.org entrevista a Nuno Ramos de Eduardo Jorge.

Irma Caputo  
Notas e fichamentos

Irma Caputo - Pós-doutorado 2020/2021 - Faperj /Irma Caputo  
*Da escrita para a phoné: estudo comparado da produção literária e da obra plástica de Nuno Ramos.* Supervisor: Paulo Henriques Britto